

## LÍNGUAS AMEAÇADAS: O CASO DO FRANCOPROVENÇAL

Simone Fonseca Gomes<sup>1</sup>

### RESUMO

Discute-se o tema das línguas ameaçadas de desaparecimento e a conseqüente perda da diversidade linguística de nosso planeta. Apresenta-se o caso do francoprovençal, língua românica minoritária presente na França, Itália e Suíça. Com o objetivo de contribuir para um maior conhecimento dessa língua, assim como para sua valorização, propõe-se, a partir de um levantamento bibliográfico, fornecer informações sobre seu percurso histórico, algumas características linguísticas, seus usos na contemporaneidade e as tentativas mais recentes de recuperação e reativação de seus falares.

**Palavras-chave:** línguas ameaçadas, línguas românicas, francoprovençal.

### INTRODUÇÃO

Segundo o documento *Language Vitality and Endangerment*, publicado pelo grupo especialista em línguas ameaçadas da UNESCO<sup>2</sup> (2003), aproximadamente 97% das pessoas no mundo falam cerca de 4% das línguas do mundo, ou, inversamente, 96% das mais de 6.000 línguas do mundo são faladas por apenas 3% da população do planeta. Essa estatística nos leva a deduzir que a maior parte da diversidade linguística está sob a guarda de comunidades minoritárias que, em geral, sofrem pressão de línguas majoritárias, de sociedades com alto poder político e econômico (ver também COHEN, 2009).

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG, bolsista do CNPq. E-mail: [simonefrancais@gmail.com](mailto:simonefrancais@gmail.com)

<sup>2</sup> *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).

Esse quadro geral das línguas do mundo tem tido como consequência a ameaça e o efetivo desaparecimento de línguas e culturas. À medida que culturas minoritárias são assimiladas pelas grandes sociedades, suas respectivas línguas passam por processos de mudanças que podem levar à ruptura da transmissão intergeracional, à redução de seus domínios comunicativos e, conseqüentemente, ao seu desaparecimento (e substituição por línguas majoritárias) em todas as modalidades de uso.

Nas últimas décadas, essa situação das línguas do mundo tem despertado o interesse de diferentes grupos e instituições sociais, as quais têm se mobilizado na busca de ações que visam reverter esse quadro. Comunidades linguísticas, profissionais da linguagem, ONGs (Organizações não governamentais) e associações como a UNESCO, têm se dedicado a essa questão chamando a atenção para o fato de que a perda da diversidade linguística significa uma perda para toda a humanidade.

As línguas são os vetores de nossa cultura, de nossa memória coletiva e de nossos valores. Elas são uma parte essencial de nossas identidades, de nossa diversidade e de nosso patrimônio vivo (UNESCO, 2011, p. 4)<sup>3</sup>.

A extinção de qualquer língua resulta na perda irrecuperável de um conhecimento cultural, histórico e ecológico único. Cada língua é uma expressão única da experiência humana do mundo. Assim, o conhecimento de qualquer linguagem pode ser a chave para responder a questões fundamentais no futuro (UNESCO, 2003, p. 2)<sup>4</sup>.

Desta forma, cabe às diferentes instâncias da sociedade, dentre elas a comunidade acadêmica, o levantamento da situação de línguas ameaçadas, sua descrição, sua documentação e sua revitalização, assim como o apoio a suas comunidades. No que diz respeito aos estudos linguísticos mais especificamente, a análise de línguas minoritárias ameaçadas possibilita conhecer melhor os padrões da estrutura linguística e as funções da linguagem humana.

---

3 Tradução nossa. No original: "Les langues sont les vecteurs de notre culture, de notre mémoire collective et de nos valeurs. Elles sont une composante essentielle de nos identités, de notre diversité et de notre patrimoine vivant" (UNESCO, 2011, p. 4).

4 Tradução nossa. No original: "The extinction of any language results in the irrecoverable loss of unique cultural, historical and ecological knowledge. Each language is a unique expression of the human experience of the world. Thus, the knowledge of any single language may be the key to answering fundamental questions in the future" (UNESCO, 2003, p. 2).

Neste texto, nos debruçamos sobre uma das línguas menos conhecidas da França (presente também na Itália e na Suíça), a qual se encontra em situação de ameaça: o francoprovençal. Com o objetivo de contribuir para um maior conhecimento dessa língua, assim como para sua valorização, propomos, a partir de um levantamento bibliográfico, fornecer informações sobre seu percurso histórico, algumas características linguísticas, seus usos na contemporaneidade e as tentativas mais recentes de recuperação e reativação de seus falares.

## 1 ORIGEM DO FRANCOPROVENÇAL

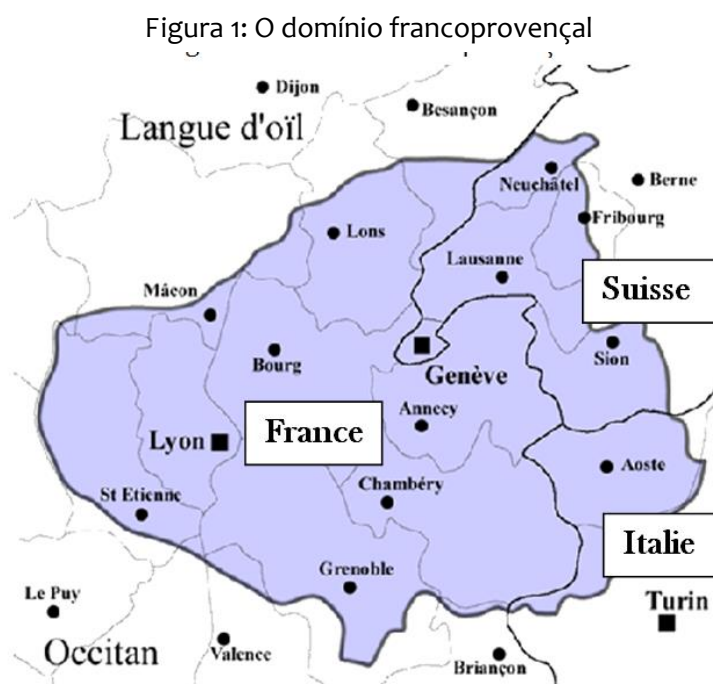
O francoprovençal é uma língua de origem românica e compõe, ao lado do francês e do occitano, o subgrupo galo-românico da România Ocidental. Essas línguas se desenvolveram no antigo território da Gália, hoje França, onde se distinguem três domínios linguísticos básicos: ao sul, o domínio *oc*, ao norte, o domínio *oïl* e a sudeste o domínio *francoprovençal*. O domínio *oc* é caracterizado por falares mais próximos do latim, enquanto o domínio *oïl* se caracteriza por uma evolução diferenciada devida em parte à influência germânica. O francoprovençal, no princípio, também mais próximo do latim, teria recebido muita influência dos falares *d'oïl* (WALTER, 1997).

A história da formação do francoprovençal, assim como das outras línguas da França, remonta à expansão e queda do Império Romano, às invasões bárbaras e, sobretudo, à fragmentação territorial, social, econômica e política da França na época feudal. A intensificação da diferenciação regional, devido ao enfraquecimento do contato e do comércio entre as várias regiões da França, teria como produto a diferenciação dialetal, ou seja, o surgimento de diversas línguas e suas variantes por toda a Gália (WARTBURG, 1946).

O francoprovençal é, portanto, produto da latinização da Gália do norte que se ramificou a partir de *Lugdunum* (atual Lion). Com a chegada dos povos germânicos, uma grande mudança se processaria na região, atingindo, sobretudo, a Gália ao norte do rio *Loire* e dando origem ao domínio *oïl*, cujo dialeto central produziria o francês (TUAILLON, 1988). A região do francoprovençal permaneceu fora do domínio germânico e, portanto,

de suas influências linguísticas. Essa separação entre a língua *d'oïl* e o francoprovençal data aproximadamente, segundo Tuillon (*op. cit.*), da época carolíngia (século VIII).

O domínio francoprovençal compreende o sudeste da França, entrando pela Suíça e Itália, conforme mostra a próxima figura:



Fonte: adaptado de BERT; COSTA, 2009, p. 14.

Desde sua origem, a língua denominada francoprovençal se apresentava como um conjunto de falares, ou *patois*, espalhados pelo território e, até o século XIX, eram considerados dialetos, atribuídos ora ao domínio *oïl*, ora ao domínio *oc*. Em 1873, Graziadio Isaia Ascoli, um dos fundadores da dialetologia, reconheceria a especificidade dos falares da região e proporia reagrupá-los sob o nome francoprovençal, atribuindo-lhe o *status* de língua galo-românica.

Ascoli destacou duas características que diferenciavam o francoprovençal dos falares *d'oïl* e do occitano: a primeira é a evolução do *a* tônico do latim antes de consoante não palatal que permaneceu *a* em francoprovençal (*amare* > *amar*, *pratu* > *prat*), mas que passou a *é* nos falares *d'oïl* (*amare* > *aimer*, *pratu* > *pré*). A segunda característica diz respeito à evolução do *a* antes de consoante palatal que passa a *i* ou *é*

em francoprovençal (*manducare* > *mangier*, *mangér*), e permanece *a* em occitano (*manducare* > *manjar*) (BERT; COSTA, 2009).

O nome francoprovençal, escrito inicialmente franco-provençal (com hífen), nunca agradou muito seus falantes e mesmo os linguistas, por permitir a conclusão errônea de que a língua seria uma mistura do francês com o provençal. Junto aos seus falantes prevalece a denominação *patois*, em geral acompanhada por uma caracterização geográfica: *patois bressan*, *patois savoyard*. O termo *arpitan* tem aparecido frequentemente, sobretudo na *internet*, mas parece ser usado principalmente por militantes mais jovens (COSTA, 2011). Essa diversidade de nomes é característica de línguas minoritárias e em processo de desaparecimento e reflete seu caráter, em geral, fragmentário, tanto no espaço físico como no espaço social, de uso da língua.

## 2 LÍNGUA EM ESTADO DIALETAL PURO

A primeira dificuldade com a qual o pesquisador se depara no estudo do francoprovençal é a sua natureza dialetal. O francoprovençal não possui unidade histórica ou cultural, trata-se, na verdade, de um conjunto dos *patois* francoprovençais, que variam nas diferentes regiões, mas que formam sem dúvida um único sistema linguístico, uma língua. No entanto, nunca houve tentativas de unificação em benefício de uma língua urbana ou literária. Apesar dos registros escritos, nenhuma cidade tentou impor uma forma linguística unificada e normatizada. Também não havia uma ortografia supradialetal (TUAILLON, 1988).

Além disso, nessa região dividida entre três países, não havia um rei ou uma língua do rei. A única referência era o Rei da França e sua língua era o francês. Esse caráter fragmentário do francoprovençal pode ser explicado, em parte, pelo fato de Lion, centro diretor da região, ter abandonado a língua regional a favor do francês no final da Idade Média, tornando-se importante polo de difusão da língua francesa. Por conseguinte, os falares francoprovençais passaram por evoluções abundantes e frequentemente autônomas, o que impediu o surgimento de famílias dialetais como ocorreu com o occitano e com outras línguas românicas. O que se observa no domínio francoprovençal é uma pluralidade de falares que raramente correspondem a obstáculos geográficos naturais ou a fronteiras administrativas ou políticas (MARTIN, 2011).

Desta forma, como esclarece Tuailon (1988, p. 190),

o domínio francoprovençal é então constituído por tantos patois quantas são as comunidades, isto é, pelas comunidades sociopolíticas de base, agrupadas em torno de suas igrejas ou templos e de suas casas comunitárias, agrupadas em torno de seu patrimônio material e espiritual e, se elas os conservaram, em torno de seus patois, de suas línguas locais.<sup>5</sup>

É preciso compreender bem o que se chama aqui de *patois*. A palavra *patois* no francês possui uma conotação pejorativa e era utilizada até meados do século XX para designar tudo o que não era língua francesa. Esse tipo de classificação das línguas faladas no território francês (francês X *patois*) servia para rebaixar e desvalorizar línguas como o bretão, o basco, o occitano. No entanto, no domínio francoprovençal a palavra *patois* não possui esse sentido pejorativo (STICH, 1998).

O *patois* deve ser considerado um falar humano completo e rico que responde a todas as necessidades ligadas à vida e ao meio ambiente de seus locutores, e não uma língua pobre ou mal falada em relação à língua francesa. No domínio galo-romano, os *patois* derivam todos do latim e tiveram um desenvolvimento paralelo ao francês padrão, com empréstimos de outras línguas como o gaulês, o germânico e o próprio francês – como todas e quaisquer línguas em contato. É preciso, ainda, reconhecer a diversidade linguística de países que são, do ponto de vista linguístico, frequentemente reduzidos à língua dominante, a um *patois* que teve maior êxito na região (STICH, 1998).

Tuailon (1988), também esclarece a importância da noção de *patois* no domínio francoprovençal. Segundo o autor, os *patois* são línguas fortemente uniformizadas, com regras gramaticais e fonéticas bem definidas e que todos seguem com rigor. Tanto a diferenciação dos *patois* entre si como sua homogeneização interna estão fortemente relacionadas à questão da identidade de cada comunidade linguística. Cada região é distinguida e reconhecida a partir das particularidades de seu *patois* – através da língua, os falantes são capazes de identificar a região de origem uns dos

---

5 Tradução nossa. Do original: "le domaine franco-provençal est donc constitué par autant de patois qu'il y a de communes, c'est-à-dire de communautés sociopolitiques de base, groupées autour de leur église ou de leur temple et de maison commune, groupées autour de leur patrimoine matériel et spirituel et, si elles l'ont conservé, autour de leur patois, la langue du lieu."

outros. No entanto, apesar dessas particularidades, os *patois* compartilham um número importante de palavras e regras que garantem uma compreensão mútua. Uma língua dialetal não existe senão sob a forma de uma infinita variação geolinguística, ou seja,

(...) uma língua dialetal é a soma das semelhanças que os *patois* têm entre si e que possibilitam a intercompreensão. Em uma conversação entre *patois* de comunidades distintas, somos, de início, sensíveis às diferenças, na medida em que as semelhanças linguísticas, por sua vez essenciais e discretas, asseguram a boa compreensão de todos (TUAILLON, 1988, p. 191)<sup>6</sup>.

Dada essa fragmentação do francoprovençal em diferentes *patois*, e a inexistência de uma unidade política regional unificadora, cada dialeto era escrito à sua maneira, mas sempre com influências dos sistemas ortográficos de línguas vizinhas como o francês, o italiano e o occitano.

No último século vê-se um movimento geral para dar coerência ortográfica aos dialetos. Grandes linguistas como Ernest Schüle e Gaston Tuaillon colaboraram na busca de uma grafia que pudesse representar os diversos falares. A ideia de uma grafia unificada, uma grafia supra-dialetal, não pretende unificar os dialetos diminuindo suas diferenças, mas sim proporcionar a intercompreensão na escrita. Uma palavra antes escrita de diversas formas poderá ter uma forma compartilhada, mas pronunciada diferentemente segundo cada *patois* (STICH, 1998).

Stich (1998) propõe, então, uma ortografia supra-dialetal denominada ORA (*Orthographe de Référence A*), que contenha o essencial para representar o francoprovençal e que possa ser modificada de acordo com as necessidades de cada dialeto (ORB, ORC, etc). O autor esclarece que essa grafia foi inspirada na ortografia das duas línguas mais próximas do francoprovençal: o francês e o occitano. Além disso, levou-se em conta os hábitos gráficos dos próprios falantes do francoprovençal. Dada as características do francoprovençal, optou-se por uma grafia morfológica, arcaizante e etimológica.

---

6 Tradução nossa. Do original: "une langue dialectale est même la somme de ces ressemblances qu'ont entre eux des *patois* qui permettent l'intercompréhension. Dans une conversation tenue avec des *patois* de plusieurs communes, on est d'abord sensible aux différences, tandis que les ressemblances linguistiques, à la fois essentielles et discrètes, assurent la bonne compréhension de tous."

Através do estabelecimento de supra-fonemas, chega-se a uma grafia comum. Por exemplo, a palavra equivalente a “cavalo” (francês *cheval*) que possui diferentes formas nos falares francoprovençais: em *patois savoyard* apresenta as formas *shvô*, *stevô*, *tsevô*; em *dauphinois*, *tsavâ*, *chivâ*; na Suíça, *tsavô*, *tsevô*, *tchèvó*; em *forézien*, *chavau*, *chiveau*; em *valdotain*, *tsevà*, em *bressan*, *shevô*, etc; passa a ter como referência a grafia *chevâl* (STICH, 1998).

Comparado ao francês e ao occitano – línguas em contato mais direto – e às demais línguas românicas, o francoprovençal apresenta características que o tornam um objeto rico para pesquisas na área dos estudos românicos. A diversidade de seus falares, bem como o conjunto de traços comuns que os identificam, constituem objetos relevantes nos estudos da sociolinguística, do contato de línguas e de restrição de uso de línguas. Segundo Martin (2011), o francoprovençal se caracteriza pela manutenção de traços antigos originais e por inovações importantes, sobretudo no campo fonético e morfológico.

### 3 REGISTROS E USOS DA LÍNGUA ONTEM E HOJE

Os registros mais antigos do francoprovençal remontam ao século XIII. Na Idade Média, a maioria dos documentos oficiais era escrita em latim ou, posteriormente, na *langue du roi* (língua do rei), ou seja, em francês. Os principais escritos antigos dessa língua são as *chartes* – conjunto de textos jurídicos que regulavam as administrações locais ao longo do Antigo Regime na França –, numerosas ao redor das cidades de Lion e Friburgo (Suíça) (TUAILLON, 1988). Por volta de 1250, traduziu-se para o *patois* de Grenoble o texto jurídico *La Somme du Code*, redigido originalmente em latim. Outro documento importante são os atos da cidade de Grenoble, na França, denominados *Comptes consulaires de Grenoble* dos anos 1338-1340, escritos em *patois dauphinois* (da antiga província de *Dauphiné*, correspondente aos atuais departamentos de *Drôme*, *Hautes-Alpes*, *Isère* e parte do *Rhône*) (TUAILLON, 1988).

Além de textos administrativos, existem também em francoprovençal textos religiosos e literários, mais comuns a partir do século XVI. No entanto, esses são raros, visto que no contexto de coexistência do latim, do francês e das línguas regionais,



quando se tratava de redigir documentos e textos, as duas primeiras eram as preferidas. Os únicos textos religiosos na língua regional são os Noëls, dos anos de 1530 e 1555. No entanto, segundo Tuailon (1988), nessas cantigas de Natal, os anjos, a Virgem e José se expressavam em francês, apenas os pastores falavam o *patois*. Esse exemplo nos faz perceber o processo de estratificação social da língua, ou seja, o francês era a língua dos grupos dominantes, das pessoas de prestígio e das situações solenes. O *patois* era a língua do dia-a-dia, das situações corriqueiras e, por isso, uma língua que se manifestava sobretudo na oralidade. Não seria por acaso que mais tarde, o francês tornar-se-ia a língua dominante e o francoprovençal, assim como as demais línguas da França, ficariam restritos a algumas regiões e grupos sociais.

Esse processo de estratificação social da língua caminhou em direção à verticalização do dialeto, processo frequente no percurso histórico de línguas minoritárias e em extinção, conforme analisa Cohen (2003, p. 83-84):

Como se sabe, a variação espacial das línguas é também chamada de ‘variação horizontal’, e a variação social, de ‘variação vertical’. O que se verifica no presente caso, além do fato de a variação linguística ser o dado fundamental, como no de outras línguas em extinção, e mesmo em se tratando do que se denomina na dialetologia ‘o domínio francoprovençal’, é uma verticalização do dialeto: o que podia ser percebido no espaço é agora identificado em situações sociais especiais: ou de trabalho, ou de reuniões. O ‘domínio’ se descaracteriza como tal.

No caso de línguas minoritárias em contato, a variação está submetida a forças centrífugas que atuam nas línguas em constante tensão com as forças centrípetas, ou seja, a tendências, de um lado, padronizadoras, e, de outro, diversificadoras (COHEN, 2003).

Segundo Cohen (2003), esse jogo de forças pode ser identificado tanto no francoprovençal como no judeu-espanhol e na língua dos ‘calons’: “os vestígios da língua que se extingue estão presentes em contextos sociais específicos, o que denominamos a verticalização” e “predomina a variabilidade (fragmentação, não unificação) linguística ou a ausência de uma norma consensual entre os falantes” (COHEN, 2003, p. 84).

Em geral, os textos literários em francoprovençal tomavam como tema a política. No século XVI eram comuns textos e peças de teatro em *patois* que se

manifestavam contra os padres católicos, contra algum duque da região e até mesmo contra o Reinado francês. Um exemplo é a *Chanson de l'Escalade*, que comemora a derrota do Duque de Sabóia sob os muros de Genebra.

Outro exemplo são os poemas de Laurent de Briançon (séc. XVI), jurista muito culto que, embora dominasse a língua francesa, preferiu escrever em *patois*: *Lo batifel de la gisen* (Fofocas na casa da parturiente), *Lo banquet de la faye* (O banquete da fada) e *La Vieutnanci du courtizan* (O desprezo do cortesão). Esses poemas, traduzidos e publicados por Gaston Tuillon em 1996, são escritos no *patois* de Grenoble e trabalham a temática da crítica social. Eles são considerados um importante registro do francoprovençal devido à sua riqueza lexical (COHEN, 2002).

Hoyer (1993) empreendeu em sua tese de doutorado a transcrição, tradução para o francês e estudo de seis textos em dialeto *dauphinois*:

- *La vénérable Abbaye de Bongouvert de Grenoble, sur La réjouissance de La Paix, & du Mariage du Roy*, de Jean Millet (1660);
- *Epire en vers au langage vulgaire de Grenoble, sur les réjouissances qu'on y a faites pour la naissance de Monseigneur le Dauphin*, de Blanc-la-Goutte (1729);
- *Coupi de la Lettra. Escrita per Blanc dit la Goutta à un de sos Amis u sujet de l'Inondation arrivà à Garnoblo la vieille de Saint Thomas 20. Decembro 1740*, de Blanc-la-Goutte (1741);
- *Dialoguo de le quatro Comare*, em *Recueil de poésies en Langage vulgaire de Grenoble Contenant les réjouissances à l'occasion de la Naissance de Monseigneur le Dauphin, Grenoblo Malhérou & le Jacquety de la Comare*, coletânea anônima de poesias (1741);
- *Lo Chapitro Broullia. Dialoguo entre deu Comare*, coletânea anônima de 1808;
- *Chanson (Je sçeu borliou)* e *Parodia (Je chantou pe remerci Dieu)*, coletânea anônima de 1808.

Essa tese fornece uma importante fonte de dados para estudos do francoprovençal.

Embora a literatura escrita em francoprovençal não seja tão abundante quando comparada a línguas com forte tradição literária, uma grande quantidade de texto nessa língua existiram e se perpetuaram na oralidade. Manifestações da literatura oral como

canções, histórias, contos, provérbios e lendas, passadas de geração para geração têm sido transcritas e gravadas, constituindo um importante patrimônio do francoprovençal.

Hoje, o francoprovençal é uma *langue en danger* (língua ameaçada), em estágio avançado de desaparecimento. Seu declínio se iniciou já no século XIII, quando começou a introdução do francês na região de seu domínio por meio de atos administrativos. Mais tarde, em 1539, com o decreto de Villers-Cotterêts por Francisco I, o latim é substituído pelo francês em todos os escritos oficiais (WALTER, 1997) e o francês ganha o apoio das Igrejas – tanto católicas quanto protestantes. No entanto, o bilinguismo se manteve: a língua regional, o *patois*, era a língua do cotidiano, enquanto o francês era a “língua do domingo”, dos atos solenes, da vida pública e das classes cultivadas (TUAILLON, 1988).

No século XIX, inicia-se com o ensino obrigatório uma severa política linguística e educacional na França. Nessa época, houve uma forte campanha contra o francoprovençal que se apoiava no adágio *le patois est l'ennemi du français* (o *patois* é inimigo do francês). Assim, as famílias começaram a abandonar o *patois* na educação das crianças e as crianças passam a ter o francês como primeira língua (TUAILLON, 1988).

Em sua pesquisa de pós-doutorado realizado na *Université Stendhal* no período de 1996/97, Maria Antonieta A. M. Cohen observou que os franceses que habitam a região não falam o francoprovençal em seu dia-a-dia e têm em relação ao *patois* um sentimento misto de preconceito e orgulho. Num país onde a identificação com a língua nacional é muito forte, ser um *patoisant*, falar o *patois*, é visto de forma pejorativa como sinônimo de “sem instrução” ou “caipira”. Nas entrevistas que realizou, Cohen constatou tratar-se de semi-falantes, que se utilizam do *patois* apenas nas ocasiões da colheita do feno (COHEN, 2002).

Nas últimas décadas, os movimentos de valorização das línguas regionais impulsionaram as iniciativas de grupos e indivíduos em relação à recuperação e reativação dessas línguas. Cohen (*op. cit.*) identificou em algumas cidades da França tentativas de recuperação e preservação do *patois*. Um exemplo é a cidade de *Autrans*, a 35 km da cidade de Grenoble. Ali, o chamado *Clube do Patois* ou *Club de Claret* é uma iniciativa de criar situações para se falar o *patois* e transmiti-lo aos mais jovens, revivendo assim a língua regional. As pessoas que ainda conhecem a língua se reúnem para cantar

canções e recordar estórias que querem preservar. Em conjunto com os pesquisadores do *Centre de Dialectologie* da *Université de Grenoble* esses grupos têm conseguido registrar e preservar o *patois* através da gravação e compilação de testemunhos.

Nos últimos anos, essas iniciativas têm se intensificado. A comunidade acadêmica tem se interessado pela descrição, análise e preservação das línguas e culturas minoritárias. Da mesma forma, as comunidades e grupos sociais, através de associações, têm buscado recuperar e reativar essas línguas. No entanto, não se pode negar que, no contexto da França, a pressão da língua dominante é extremamente forte, frustrando muitas dessas iniciativas.

Dentre essas iniciativas, é importante destacar a recente publicação do *Dictionnaire des mots de base du francoprovençal: Orthographe ORB supradialectale standardisée*, de Dominique Stich (2003), assim como a tese *Francoprovençal: Proposition d'une orthographe supra-dialectale standardisée* (2001), do mesmo autor, e a tese de Michel Bert, *Rencontre de langues et francisation: l'exemple du Pilat* (2001), além dos diversos artigos recentes citados no decorrer deste texto.

Na internet, está disponível a *Radiô Arpitania Abada*, que oferece uma programação variada com emissões bilíngues, músicas, entrevistas, boletins meteorológicos, contação de histórias e contos, etc. Além disso, o sítio <http://www.arpitania.eu> apresenta muitas informações sobre o francoprovençal e disponibiliza um material para aprendizado do *patois*.

O *Centre de Musiques Traditionnelles Rhône-Alpes* organizou a produção do CD *Chants en francoprovençal*, com cantos tradicionais recolhidos por toda região Rhône-Alpes. A seguir, mostramos um trecho de uma das canções<sup>7</sup>:

Le ptiou vé du matin  
Me file die lé man  
Et réveille mo dai  
Mô jû apoé s'é va  
Chanta die lô boesson  
La chanfon du matin.

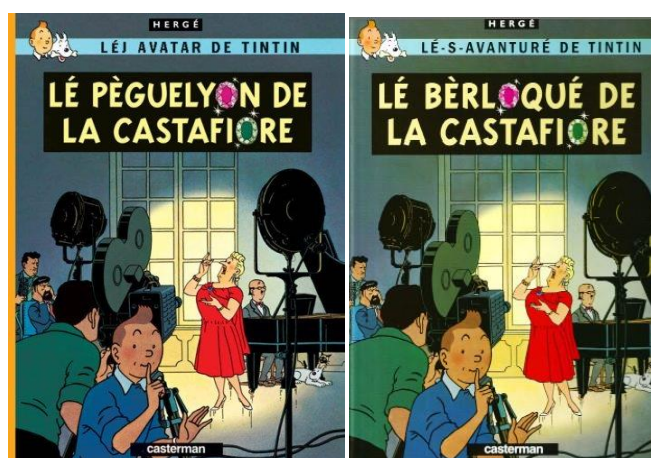
Oh maï c'que d'amri bié

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.cmtra.org/spip.php?page=recherche&recherche=Le+ptiou+v%E9+du+matin>>. Acesso em: 31 jan. 2013.

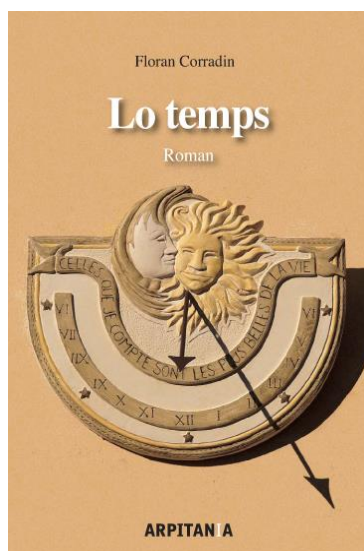
## M'en n'alla awoe lui

Estudiosos do francoprovençal empreenderam a tradução de revistas em quadrinhos da coleção *Les aventures de Tintin*, de Hergé, e da coleção *Lucky Luke*, de Achdé e Guerra, para o francoprovençal. A seguir, apresentamos as capas das versões em *patois bressan* (figura da esquerda) e em *dauphinois* (figura da direita) do original em francês *Les bijoux de la Castafiore*, de Hergé.

Figura 2: Quadrinhos em francoprovençal<sup>8</sup>

Em 2009, foi publicado o romance *Lo Temps*, escrito integralmente em francoprovençal na *orthographe de référence ORB*, pelo escritor *valdôtain* (do Vale d'Aosta) Floran Corradin.

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.arpitania.eu/index.php/nos-publications/69-tintin-patois-arpitan-vaudois-savoyard-genevois-valdotain-lyonnais-forezien?showall=&start=1>>. Acesso em: 3 fev. 2014.

Figura 3: Capa de um romance em francoprovençal<sup>9</sup>

#### 4 DINAMISMO<sup>10</sup> DA LÍNGUA NA ATUALIDADE

Uma pesquisa recente denominada *Étude FORA – Francoprovençal et occitan en Rhône-Alpes* (2009) empreendida pela *Université Catholique de Lyon* e pelo *Institut Pierre Gardette*, sob responsabilidade de Michel Bert e James Costa, buscou diagnosticar a situação do francoprovençal e do occitano na região Rhône-Alpes. Esse estudo buscou, através de entrevistas quantitativas e qualitativas, abarcar os seguintes pontos: características sociolinguísticas, história linguística dos locutores, prática das línguas regionais pelos locutores, nome e estatuto das línguas regionais, ensino, recursos conhecidos (associações, mídia, etc.), entre outros. Esse tipo de análise pretende avaliar a “*vitalité*”, ou seja, o uso e a (re)produtividade dessas línguas.

Os resultados da pesquisa apresentam dados do francoprovençal e do occitano juntos, dificultando a análise específica de cada língua. A seleção da região *Rhône-Alpes* também não possui nenhuma justificativa linguística, visto tratar-se de uma fronteira administrativa e política da França, e não de domínios linguísticos. Apesar

---

9 Disponível em: <<http://www.arpitania.eu/index.php/nos-publications/64-livre-lo-temps-roman-alpin>>. Acesso em: 3 fev. 2014.

10 Utilizamos o termo “dinamismo” como alternativa ao termo “vitalidade”, com o objetivo de evitar metáforas da língua como organismo vivo, tão comum no campo de estudos das línguas ameaçadas/ em “extinção” (mais uma metáfora) e que pode levar a interpretações errôneas dos eventos e fenômenos linguísticos.

disso, esse estudo é de grande importância e pode nos dar uma noção da situação atual dessas línguas na região *Rhône-Alpes*.

Com relação a dados brutos sobre número de falantes das línguas regionais na região *Rhône-Alpes*, o estudo FORA (BERT; COSTA, 2009) estima – tendo em conta a população urbana e com uma margem de erro importante – que 1% da população da região é capaz de falar uma das duas línguas regionais, o que significa mais ou menos 60.000 pessoas (incluindo falantes do francoprovençal e do occitano). Em Tuailon (1988) a estimativa em relação aos falantes do francoprovençal era bem mais otimista: na França teria então 60.000 falantes (apenas do francoprovençal) e na Itália 70.000. No sítio da UNESCO, a estimativa total de locutores do francoprovençal na França, Itália e Suíça é de 100.000 pessoas<sup>11</sup>. Essa divergência dos dados revela a dificuldade de se contabilizar o número de falantes de línguas minoritárias e em processo de desaparecimento. É difícil definir o que seja um falante e determinar qual o nível de conhecimento e o exercício que ele realmente tem da língua. Em muitos casos trata-se de semi-falantes, ou de pessoas que apenas compreendem a língua, ou que compreendem apenas um conjunto de itens lexicais.

A questão dos falantes é uma problemática importante nos estudos de línguas em extinção. Dorian (1977) analisa o tema em seu estudo sobre o gaélico, falado na Escócia. A autora estabelece um contínuo de proficiência de uma língua que vai desde a fluência completa até o que ela chamou de *semi-speakers* (semi-falantes):

No conjunto total de falantes do Gaélico que contabilizavam cerca de 140, em 1972, havia na extremidade superior do espectro alguns indivíduos que estavam mais confortáveis e eram mais proficientes em gaélico do que em Inglês, na faixa intermediária havia muitos que eram fluentes em ambas as línguas, e na extremidade inferior alguns que faziam-se entender em um gaélico imperfeito, mas que se sentiam muito mais a vontade no Inglês. Estes últimos eu chamei de "semi-falantes" (DORIAN, 1977, p. 24)<sup>12</sup>.

---

11 Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/languages-atlas/index.php?hl=fr&page=atlasmap> Acesso em: 14 jun. 2013.

12 Tradução nossa. Do original: "In a total pool of Gaelic speakers which numbered about 140 in 1972, there were at the upper end of the spectrum a few individuals who were more comfortable and proficient in Gaelic than English, in the middle range many who were skilled bilinguals, fluent in both languages, and at the lower end some who could make themselves understood in imperfect Gaelic but were very much more at home in English. These last I have called "semi-speakers" (DORIAN, 1977, p. 24).

Segundo Dorian (1977), a identificação desses falantes e de seu real domínio da língua é crucial para se aferir quão completa e quão intacta é a versão da língua que se recebe dos informantes, ou seja, quão representativos são os dados. Para a autora, dados coletados de semi-falantes precisariam ser manuseados com cuidado na escrita de gramáticas ou nas técnicas de reconstrução da lingüística histórica.

No estudo FORA (BERT; COSTA, 2009) foram feitas entrevistas com pessoas que diziam “falar bem” ou “compreender bem” uma das duas línguas regionais. Das que declararam “falar bem”, 30% possuem 80 anos ou mais e a maioria são homens. Quanto à ocupação, as porcentagens mais elevadas são de aposentados, seguidos de artesãos e agricultores. Na faixa de 30 a 40 anos essa porcentagem é zero. Na faixa etária de menos de 30 anos foi encontrada uma porcentagem de 2%, que pode ser explicada como efeito das tentativas de recuperação dessas línguas empreendidas por militantes formados nas décadas de 1960 e 1970. Apenas 6,3% desses entrevistados declararam que falavam uma língua regional na infância, antes da entrada na escola (locutores nativos). Dentre esses, nenhum possui menos de 40 anos. Apenas 2% dos entrevistados declaram falar a língua regional todos os dias e 5,8% declaram falá-la frequentemente – trata-se evidentemente de pessoas mais velhas (BERT; COSTA, 2009).

Com relação aos que declararam “compreender bem” a língua regional, 44% dizem não saber falá-la bem ou de maneira nenhuma (locutores passivos). 60,9% têm mais de 80 anos, 2% entre 30 e 40 anos e 4% menos de 30 anos. Os homens também declaram mais frequentemente compreender a língua regional do que as mulheres (BERT; COSTA, 2009). Desta forma, podemos dizer que apenas uma pequena parte dos locutores dessas línguas pode ser considerada locutores nativos, que teriam aprendido a língua regional na infância, seja como primeira língua, seja em um contexto de bilinguismo, ao lado do francês. A maioria aprendeu a língua tardiamente (locutores tardios), por questões relacionadas ao trabalho – adolescentes que vão trabalhar com adultos falantes da língua no meio agrícola –, ou pelas iniciativas de valorização e recuperação dessas línguas (BERT; COSTA, 2009).

Existem também os chamados locutores “invisíveis” ou “fantasmas”. São locutores que, mesmo possuindo competências ativas ou passivas dessas línguas, negam

---



esse conhecimento por razões diversas, principalmente pela estigmatização e punição que sofreram na escola, o que levou a uma internalização do preconceito por parte dos próprios falantes do *patois*. Além disso, dos entrevistados que declararam falar bem ou muito bem a língua regional, mais de 35% raramente usam a língua (locutores latentes), por falta de contexto ou de outros falantes com quem conversar (BERT; COSTA, 2009).

A pesquisa também avaliou a relação das crianças com as línguas regionais. 13,9% declararam falar “um pouco” o *patois* e 25,1% dizem compreendê-lo. Essas porcentagens relativamente altas se devem ao fato de, para grande parte das crianças, “falar um pouco” ou “compreender” significa saber algumas palavras como os dias da semana ou algumas expressões fixas. Além disso, essa situação acontece mais frequentemente no domínio occitano, devido à existência de algumas instituições que ensinam a língua às crianças. Apesar disso, 32,9% das crianças dizem ter contato com algum membro da família que fala a língua regional, estando, de alguma forma, expostas à língua (BERT; COSTA, 2009).

A pesquisa revela, no entanto, que a transmissão intergeracional dessas línguas está fortemente comprometida. No domínio francoprovençal são raríssimas as instituições ou associações que atuam na transmissão da língua. Muitos de seus membros consideram a língua regional algo do passado, que deve ser preservado, mas que não se reproduz mais. A heterogeneidade dos aprendizes (pessoas que não sabem nada da língua e pessoas parcialmente competentes) e a falta de métodos e de ferramentas didáticas tornam a tarefa ainda mais difícil (BERT; COSTA, 2009).

O estudo FORA avaliou também as diversas iniciativas de tentativa de recuperação e preservação dessas línguas que vêm sendo empreendidas na região Rhône-Alpes. No domínio do francoprovençal, a criação de novas associações dedicadas à língua aumentou na última década, sobretudo nos últimos anos. São associações bem diversas que, em geral, se interessam por questões mais amplas relacionadas ao patrimônio cultural local como a história, a música, as danças tradicionais e a toponímia. Existem também grupos informais. Esses grupos e associações possuem diferentes atividades em relação à língua que variam desde simples encontros para a convivência e o exercício do *patois*, até atividades mais engajadas que buscam organizar espetáculos para serem apresentados ao público, elaborar dicionários ou monografias sobre os falares

locais, coletar histórias e lembranças que são publicadas em livros, boletins e DVD. No entanto, essa produção frequentemente não chega a ter uma difusão muito abrangente. Além disso, existe uma grande quantidade de material antigo registrado em meio analógico que corre o risco de desaparecer (BERT; COSTA, 2009).

As iniciativas de recuperação do *patois* para além da região *Rhone-Alpes* foram discutidas na seção anterior.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A situação do francoprovençal é um exemplo do que ocorre com muitas línguas minoritárias em situação de ameaça. Nesses casos, o contato com línguas dominantes e a pressão, tanto linguística como cultural, exercida nessas comunidades podem levar à regressão e ao completo desaparecimento de línguas e falares. Reverter esse movimento requer uma mobilização geral de estudiosos, políticos e, sobretudo, dos falantes da língua.

Saverio Favre (2011, p. 11) realça o papel dos falantes nesse processo

o destino do *patois* está nas mãos de seus falantes, ou seja, dos *patoisants*: o *patois* terá uma chance de sobreviver na medida em que haja pessoas com vontade de falá-lo e, sobretudo, de transmiti-lo à próxima geração<sup>13</sup>.

É preciso enfatizar que, quando línguas do mundo deixam de ser faladas, perde-se também a diversidade cultural vinculada a elas. Essa perda pode trazer consequências para toda a humanidade, tornando esse tema objeto de reflexão coletiva e de ação pública. Nesse ponto, a comparação da situação das línguas com a da biodiversidade do planeta, também em constante ameaça, parece frutífera e chama a atenção para o caráter urgente da questão. A preservação e a recuperação dessas línguas

---

<sup>13</sup> Tradução nossa. Do original: "le destin du *patois* est dans les mains de ses locuteurs, c'est-à-dire des *patoisants* : le *patois* aura une chance de survie tant qu'il y aura des gens qui auront envie de le parler e surtout de le transmettre à la génération suivante." (FAVRE, 2011, p. 11)

são, portanto, interesse de todos, e uma responsabilidade das diferentes esferas das sociedades.

No que diz respeito aos estudos linguísticos, o tema das línguas ameaçadas lança um duplo desafio ao linguista: compreender, de um lado, as mudanças e os fenômenos linguísticos que caracterizam essas línguas, assim como sua estrutura interna, e, de outro, a interferência dos complexos fatores extralinguísticos atuantes nesse tipo de processo, que, em alguns contextos, podem ir além dos tradicionais fatores sociais destacados pela Sociolinguística. Segundo Costa (2011, p. 6),

as línguas são construções humanas, segmentações do social a partir de critérios que um grupo se dá a si mesmo. Elas não possuem nenhuma existência em si, mas enquanto modalidades de categorização do real, elas condensam interesses, ideais, ambições coletivas<sup>14</sup>.

Desta forma, o estudo linguístico de línguas ameaçadas contribui não apenas para o conhecimento da estrutura interna dessas línguas, mas também para a compreensão das dinâmicas sociais que acompanham e atuam no desenvolvimento de línguas e culturas. Além disso, o trabalho do linguista deve se comprometer também com a manutenção da diversidade linguística.

No caso do francoprovençal, pode-se perceber que, a despeito das dificuldades sociais e políticas (sobretudo na França), a mobilização em defesa do *patois* tem se mostrado relevante e crescente na atualidade. Esse movimento que une falantes, militantes, simpatizantes e pesquisadores parece caminhar em direção a uma nova significação do *patois*, na medida em que se atribui um novo papel à língua regional nos contextos locais, nacionais e mesmo internacional. Esse novo papel se fundamenta, sobretudo, na identidade cultural: no cultivo e na difusão de conhecimentos locais, de práticas e de costumes tradicionais.

## RESUME

On aborde la question des langues en danger et la perte de la diversité linguistique de la planète. Nous présentons le cas du francoprovençal, langue romane minoritaire parlée en France, en Italie et en Suisse. Visant à contribuer à une meilleure connaissance de cette

---

<sup>14</sup> Tradução nossa. Do original: "les langues sont des constructions humaines, des segmentations du social à partir de critères qu'un groupe se donne. Elles n'ont aucune existence en soi, mais en tant que modalités de catégorisation du réel, elles condensent des intérêts, des idéaux, des ambitions collectives."

langue, ainsi qu' à sa valorisation, on propose, à partir d'une revue de la littérature, de fournir des informations sur son évolution, certaines caractéristiques linguistiques, ses utilisations en cours et les tentatives les plus récentes de récupération et de réactivation de ses patois.

**Mots-clé:** langues en danger, langues romanes, francoprovençal.

## REFERÊNCIAS

BERT, Michel. COSTA, James. *Étude FORA – Francoprovençal et occitan en Rhône-Alpes*. Disponível em: <<http://icar.univ-lyon2.fr/projets/ledra/index.html>>. Acesso em: 9 jan. 2013.

COHEN, Maria Antonieta A. M. Línguas românicas em extinção: o francoprovençal. In: RAVETTI, Graziela; ARBEX, Márcia. (Orgs.) *Performance, exílio e fronteiras. Errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2002, p. 265-279.

COHEN, Maria Antonieta A. M. Línguas não-territorializadas: o haketia, o judeu-espanhol oriental e a língua dos calons. *Papia*, Brasília, v. 13, p. 82-91, 2003.

COHEN, Maria Antonieta. A. M. Contato linguístico na România: o judeu-espanhol. *Caligrama: Revista de estudos românicos*, Belo Horizonte, v. 14, p. 51-63, dez. 2009.

COSTA, James. Patois, gaga, savoyard, francoprovençal, arpitan... Quel nom pour une langue? *Langues et cité: bulletin de l'observatoire des pratiques linguistiques*, n. 18, p. 6, jan. 2011.

DORIAN, Nancy. C. The problem of the semi-speaker in language death. *International Journal of the Sociology of Language*, n. 12, p. 23-32, 1977.

FAVRE, Saverio. La Vallée d'Aoste: citadelle du francoprovençal. *Langues et cité: bulletin de l'observatoire des pratiques linguistiques*, n. 18, p. 10-11, jan. 2011.

HOYER, Gunhild S. *Textes en dialecte dauphinois : établissement du texte, traduction et analyses linguistiques*. Thèse de Doctorat. Université Stendhal Grenoble III, Centre de Dialectologie, 1993.

MARTIN, Jean-Baptiste. Le francoprovençal. *Langues et cité: bulletin de l'observatoire des pratiques linguistiques*, n. 18, p. 2-3, jan. 2011.

STICH, Dominique. *Parlons francoprovençal: une langue méconnue*. Paris: L'Harmattan, 1998.

STICH, Dominique. *Francoprovençal: Proposition d'une orthographe supra-dialectale standardisée*. Thèse de Doctorat, Université Paris V – René Descartes, U.F.R. Faculté des Sciences Humaines et Sociales, 2001.

STICH, Dominique. *Dictionnaire des mots de base du francoprovençal : Orthographe ORB supradialectale standardisée*. Thonon-les-Bains: Le Carré, 2003.

TUAILLON, Gaston. Le francoprovençal. Langue oubliée. In: VERMES, Geneviève. *Vingt-cinq communautés linguistiques de la France*. Tome Premier. Paris: L'Harmattan, 1988, p. 188-207.

UNESCO ad Hoc Expert Group on Endangered Languages. *Language Vitality and Endangerment*, 2003. Disponível em: <<http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00120-EN.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2013.

UNESCO (Projet). *L'Atlas des langues en danger dans le monde*, 2011. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001924/192416f.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

WALTER, Henriette. *A aventura das línguas do Ocidente: a sua origem, a sua história, a sua geografia*. Lisboa: Terramar, 1997.

WARTBURG, Walther von. *Evolution et structure de la langue française*. Berne: A. Francke, 1946.

Recebido em: 8 out. 2013

Aceito em: 16 dez. 2013